

Festival Música Viva 2008

26 de Setembro de 2008 – 19:00

Lisboa – Centro Cultural de Belém – Sala de Ensaio

QUINTETO DIAPHONIA

quinteto de sopros

Com o Quinteto Diaphonia, constituído por instrumentistas da nova geração mas já com um lugar de relevo no nosso panorama musical, o Festival Música Viva propõe mais um programa de destaque para a música nacional.

Neste programa do Quinteto Diaphonia salientam-se as obras de Frederico de Freitas, de Fernando Lopes-Graça e de João Madureira que constituem marcos importantes no repertório português do Século XX e que mostram claramente a evolução da nossa música ao longo de várias décadas.

Serão também apresentadas obras de dois compositores que escolheram Portugal para residir e que são indissociáveis da música portuguesa da actualidade, Christopher Bochmann e Ivan Moody (a peça *Zefiro con Uccelli* terá aqui a sua estreia mundial). Finalmente de György Ligeti, um dos compositores que mais influenciou a nova geração de compositores e cuja música é uma referência para a criação musical actual serão interpretadas as *Dez Peças para Quinteto de Sopros*, obra emblemática para esta formação instrumental.

www.quintetodiaphonia.com

flauta: **Natália Monteiro**

oboé: **David Costa**

clarinete: **Samuel Pascoal**

trompa: **Thomas Gomes**

fagote: **Tiago Paraíso**

Programa

Frederico de Freitas - *Pentafonia*

João Madureira - *Wanderung*

Ivan Moody - *Zefiro con Uccelli* **

György Ligeti - *10 peças para quinteto de sopros*

Christopher Bochmann - *3 Bagatelas*

Fernando Lopes-Graça - *Sete Lembranças para Vieira da Silva*

Co-produção: *Miso Music Portugal / CCB*

* estreia em Portugal

** estreia absoluta

◇ encomenda da Miso Music Portugal

INTÉRPRETES

QUINTETO DIAPHONIA

O Quinteto Diaphonia foi fundado em 2000 quando os seus membros eram ainda alunos da Escola Superior de Música de Lisboa - E.S.M.L.. Nesta mesma escola frequentaram as classes de Música de Câmara do Professor Nuno Inácio e da Professora Olga Prats, que terminaram com a classificação final de 20 valores.

Em Julho de 2001 participou nos IV Cursos de Música de Verão em Santa Maria da Feira com os elementos do Quinteto de Sopros da Filarmónica de Berlim.

Em 2002 o quinteto integrou a orquestra da peça de teatro *Peer Gynt* de Ibsen, numa produção do Teatro Aberto, com encenação de João Lourenço, direcção musical de João Paulo Santos e música de Eurico Carrapatoso.

Em Março de 2002 participou numa *masterclass* de Música de Câmara promovido pela Escola Superior de Música de Lisboa com a Professora Mariana Jacobs.

Em Julho de 2003 venceu o 2º prémio em Música de Câmara - Nível Superior, do 17º Prémio Jovens Músicos - RDP.

Contando com um percurso musical de reconhecido mérito, o Quinteto Diaphonia tem realizado desde a sua formação diversos concertos em Portugal e França. Este programa é especialmente dedicado aos compositores Portugueses ou residentes em Portugal, passando por vários estilos e correntes dos últimos 50 anos. Temos ainda uma pequena incursão pelas *Dez Peças* de Ligeti, obra de referência da escrita do séc. XX para quinteto de sopros.



COMPOSITORES e OBRAS

FREDERICO DE FREITAS

Frederico Guedes de Freitas nasceu em Lisboa em 1902. Inicialmente estudou com sua mãe, tendo ingressado com 13 anos no Conservatório Nacional. As primeiras composições do seu catálogo datam de 1922, merecendo nesta fase destaque o *Poema sobre uma Écloga de Virgílio* para orquestra de cordas.

Paralelamente à actividade de compositor, Frederico de Freitas desenvolveu também uma carreira de professor no ensino secundário. No entanto, a sua imagem consolidou-se junto do grande público graças ao seu eclectismo, que lhe permitia escrever não só obras como a *Suite Africana* ou o *Quarteto Concertante*, mas também uma vasta galeria de canções ligeiras, que permaneceram desde então no imaginário popular nacional.

Em 1935 Frederico de Freitas entrou para a Emissora Nacional como chefe de orquestra, passando desde então a assumir uma posição de destaque em eventos musicais organizados pelo governo do Estado Novo. Em 1940 escreveu uma *Missa Solene* para vozes solistas, coro e orquestra e o *Auto de D. Afonso Henriques*, ambas estreadas no âmbito das Duplas Comemorações do Oitavo Centenário da Fundação da Nacionalidade e do Terceiro Centenário da Restauração da Independência.

A carreira de maestro, a que se entregara com afinco, foi reconhecida também a nível internacional, o que fez com que Frederico de Freitas fosse regularmente convidado para dirigir orquestras estrangeiras.

De entre as obras mais tardias assumem especial importância *D. João e as Sombras* (1960), a sinfonia *Os Jerónimos* (1962), a *Fantasia Concertante* (1969) e a *Farsa de Inês Pereira* (1979), esta última completada após a morte de Frederico de Freitas por Manuel Faria.



Pentafonia

"Para quinteto de sopro, é uma pequena peça que, tudo leva a crer, Frederico de Freitas terá composto nos últimos anos da sua vida.

Ao cimo da primeira página do manuscrito descoberto pela sua filha, a compositora Elvira de Freitas, ressaltam imediatamente as quatro formas da série dodecafónica em que a obra se baseia. Esta é a primeira surpresa que se nos depara, tanto maior quanto é conhecido o alheamento sempre demonstrado pelo compositor relativamente a esta técnica de escrita.

Uma análise mais pormenorizada começa a revelar-nos um aproveitamento muito flexível das possibilidades da série, ora exposta na íntegra, ora fragmentada em pequenos motivos rítmicos e melódicos que se transformam, desenvolvem e retomam os padrões originais. Rigor e liberdade alternam num discurso de grande clareza e fluência, dominado pela coerência intervalar e pela variabilidade das tessituras, mercê de um sábio recurso às transposições das várias modalidades da série.

Obra essencialmente polifónica, *Pentafonia* apresenta-se como um *fugato* livre, originando secções canónicas com uso abundante de motivos contrários e alterações de valores. Assinala-se ainda a métrica irregular e instável, elemento de primordial importância na elaboração do fraseado.

Afastando-se deliberadamente de quaisquer dogmatismos académicos, Frederico de Freitas demonstra aqui um surpreendente domínio das técnicas dodecafónicas, que não deixaria certamente de se reflectir na sua produção futura."

JOÃO MADUREIRA

Nasceu em Lisboa em 1971. Iniciou os seus estudos musicais na Academia dos Amadores de Música, tendo posteriormente estudado com Nuno Vieira de Almeida e Christopher Bochmann. Em 1990 ingressou no Curso Superior de Composição da Escola Superior de Música de Lisboa, onde foi aluno, entre outros, de António Pinho Vargas e Christopher Bochmann. Frequentou a Faculteit Kunst, Media & Technologie da Hogeschool voor de kunsten Utrecht (Holanda) como bolseiro do Programa Erasmus. Estudou com Franco Donatoni na Accademia Musicale Chigiana de Siena em 1995.

Ingressou em 1997 no curso superior de Composição da Escola Superior de Música de Colónia, onde foi aluno de York Höller, curso que concluiu em Fevereiro de 2000. Foi durante este período bolseiro do Centro Nacional de Cultura. Participou no atelier de composição em Villeneuve-les-Avignon, organizado pelo Centre Acanthes 2000 / Ircam e integrado nas iniciativas do Festival de Avignon, onde teve a oportunidade de trabalhar com Jonathan Harvey, Michael Jarrell, Ivan Fedele e Magnus Lindberg. Actualmente trabalha sob orientação do compositor Ivan Fedele.

Em Outubro de 1998 recebeu o Prémio ACARTE / Maria Madalena Azeredo Perdigão (Fundação Gulbenkian) em ex-aequo com o compositor Carlos Caires pelo concerto *Melodrama*, estreado no Centro Cultural de Belém. Em Novembro de 2002 participou como compositor no Simpósio de Música Contemporânea realizado em Castelo Branco e em Março de 2003 no Workshop de Jovens Compositores Portugueses da Orquestra Gulbenkian.

É professor na Escola Superior de Música de Lisboa, no Curso de Composição.



Wanderung

“*Wanderung* foi composto em 1999, quando estudei em Colónia com York Höller. O título — *viagem* ou *peregrinação* em alemão — procura exprimir a experiência subjectiva que é a reconstituição do passado de cada um.

A repetição dos mesmos motivos musicais, que são constantemente reconstruídos e reordenados, confere à peça a sua forma labiríntica: quadros do passado são constinuaemente revisitados, constituindo-se, assim — de forma *definitamente provisória* (?) — o seu sentido.”

João Madureira

IVAN MOODY

Ivan Moody nasceu em Londres em 1964. Estudou Composição com Brian Dennis na Universidade de Londres e a nível privado com Sir John Tavener. Posteriormente estudou teologia ortodoxa através do Centro de Educação Superior da Universidade de Joensuu, Finlândia e actualmente prossegue estudos de pós-graduação com William Brooks na Universidade de York.

O canto litúrgico oriental teve uma profunda influência na sua música, bem como a espiritualidade da Igreja Ortodoxa, à qual pertence. A sua música tem sido tocada por toda a Europa, no Japão, EUA e América do Sul. Após o êxito de *Canticum Cantorum I*, escrito para o Hilliard Ensemble e apresentado em todo o mundo, em 1990 Moody ganhou o prémio "Arts for the Earth Festival" com a obra *Prayer for the Forests*, que foi estreada pelo Coro Tapiola na Finlândia.

Uma das suas obras mais importantes é a oratória *Passion and Resurrection*, baseada em textos litúrgicos ortodoxos. A primeira audição desta peça foi em Junho de 1993, executada por Red Byrd e o Coro de Câmara Filarmónico da Estónia sob a direcção de Tõnu Kaljuste no Festival de Tampere, onde foi gravada pela Rádio Finlandesa.

Escreve regularmente para a Gramophone, International Record Review e Goldberg e publicou artigos na Contact, Composer, Musical Times, Contemporary Music Review, Anuário Musical, Revista Portuguesa de Musicologia, Plainsong, Mediaeval Music, Jacob's Well e Tempo.

Colaborou na revisão da última edição do The New Grove Dictionary of Music e é Coordenador da série "Music Archive Publications" da Harwood Academic Publishers.

Moody tem colaborado regularmente com festivais internacionais de música, incluindo os festivais de Tampere e Turku (Finlândia), Juiz de Fora (Brasil), Holland Festival Oude Muziek (Utrecht), as Jornadas de Música Antiga Gulbenkian (Lisboa), o Hilliard Summer Festival (Cambridge) e os festivais Almeida e Spitalfields (Londres).

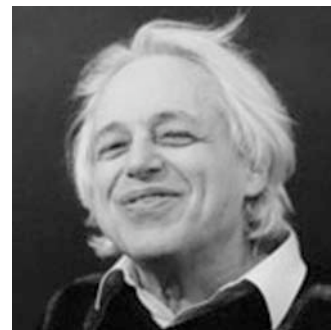


Zeffiro con Uccelli

Zeffiro con Uccelli (2005) deve o seu título a uma experiência que tive quando viajei para a Itália para assistir à estreia da minha obra *Passione Popolare*: nos anexos da belíssima Abadia de Staffarda havia andorinhas a nidificar, mas faltava os zéfiros. O desejo de que voltassem e refrescassem o calor totalmente parado desse dia está encapsulado na citação lentíssima do *Zeffiro*, torna de Monteverdi que fornece o material básico da obra. A obra está ligada a *Linnunlaulu*, peça inspirada no canto dos pássaros de uma floresta finlandesa, na medida em que o notável oboísta Aldo Salvetti, que me pediu esta obra nova, tinha tocado na estreia de *Linnunlaulu*, transferindo assim a ligação ornitológica para a zona Mediterrânea.

GYÖRGY LIGETI

György Ligeti (1923 - 2006) era filho de pais Húngaros de origem judaica. Estudou no Conservatório de Klausenburg com Ferenc Farkas de 1941 a 1943 e depois, de 1945 a 1949, na Academia Franz Liszt em Budapeste com Ferenc Farkas, Sándor Veress, Pál Járdanyi e Lajos Bárdos. Desenvolveu muito jovem a “micropolifonia”, que mais tarde se tornaria numa das mais marcantes características da sua música. Nas suas primeiras peças, tal como na peça *Éjszaka – Reggel* ou em *Apparitions*, este seu estilo é já claramente visível. Em Dezembro de 1956, depois da revolução húngara, abandona a sua terra-natal por razões artísticas e políticas. Durante o seu trabalho como free-lancer nos estúdios de electrónica da West German Radio em Colónia (1957-58), estuda aprofundadamente a música de Karlheinz Stockhausen, Mauricio Kagel e Pierre Boulez, que influenciaram a sua expressão musical no trabalho *Artikulation* (1958). Esta, bem como *Atmosphères* para grande orquestra (composta em 1961), valeram a Ligeti o imediato reconhecimento na cena musical mundial. Uma longa experiência internacional no campo do ensino conduziram-no à Hamburg Musikhochschule como Professor de Composição (1973-1989). Concretizando uma ideia que o inquietava há algum tempo, Ligeti concebeu um primeiro trabalho de palco de longa-duração, *Le Grand Macabre* (1974-1977) inspirado numa fábula de Michel de Ghelderode.



A técnica de composição polirrítmica e complexa de Ligeti compõem a base dos trabalhos escritos nas décadas de 1980 e 1990 (como *Études pour Piano*, que começou a compor em 1985, *Concerto for Piano and Orchestra*, composta entre 1985 e 1988, *Concerto for Violin and Orchestra*, escrito de 1990 a 1992, e *Sonata for Viola Solo*, de 1991-94). Inúmeros prémios e distinções constituem as provas de uma alta estima consensual em torno da sua obra, sendo reconhecido também enquanto Professor e Mentor de toda uma geração de compositores.

10 peças para quinteto de sopros

A exploração de sonoridades e possibilidades acústicas é central nas *Dez peças para quinteto de Sopros* de György Ligeti, que são escritas em 1968 para o Quinteto de Sopros da Orquestra Filarmónica de Estocolmo. O espectro sonoro do quinteto é aqui ampliado pelo uso de instrumentos adicionais, cujo uso resulta numa ainda mais brilhante sonoridade.

O flautista começa por tocar flauta alto, depois flauta e, finalmente (na nona e décima peça), piccolo. O oboísta inicia com o corne inglês e oboé d’amor, sendo omitido por completo na quarta e quinta peça para aparecer (em oboé) com grande efeito na sexta peça. A nona peça usa apenas o oboé, o clarinete e o piccolo, todos no registo agudo e em *fortissimo*, o que acentua o efeito do solo de fagote na décima peça.

Toda a obra revela uma escrita mais que se assemelha a uma coreografia musical, sem um enredo específico. Isto é visível pelas inúmeras indicações de carácter (como *miniccioso* e *lurlesco* ou *leggiero* e *virtuoso*). O ciclo exige uma grande virtuosidade num novo e brilhante estilo que é deslumbrante na sua límpida rapidez, alternando muitas vezes entre os motivos velozes e os estáticos. Isto é também evidente na forma. Andamentos de conjunto, maioritariamente de carácter estático, são geralmente seguidos de andamentos curtos, altamente virtuosísticos, como um “concerto miniatura” onde os instrumentos são solistas alternadamente. Nestes, Ligeti procura todas as sonoridades e capacidades dos instrumentos em questão e aproxima-se dos limites do tecnicamente possível. Esta obra continua a ser um dos grandes desafios no repertório de um quinteto de sopros.

David Costa

CHRISTOPHER BOCHMANN

Formou-se em composição pela Universidade de Oxford como aluno de David Lumsden, Kenneth Leighton e Robert Sherlaw Johnson. Em 1999 obteve o grau de D. Mus. (doutoramento em composição) pela mesma Universidade. Estudou também com Nadia Boulanger em Paris e com Richard Rodney Bennett em Londres.

Leccionou em várias escolas na Inglaterra, entre as quais a Escola Yehudi Menuhin. Passou dois anos como professor da Escola de Música de Brasília.

Trabalha em Portugal desde 1980. Leccionou em variadas escolas na área de Lisboa nomeadamente no Instituto Gregoriano de Lisboa e no Conservatório Nacional. Durante seis anos foi Director da Escola Superior de Música de Lisboa, onde também coordenou o curso de Composição de 1990 a 2006. Desde 2006 é Professor Catedrático Convidado da Universidade de Évora. É maestro titular da Orquestra Sinfónica Juvenil desde 1984, com a qual gravou dois CD’s da sua própria música. Em 2004 foi-lhe atribuído uma Medalha de Mérito Cultural do Ministério da Cultura. E em 2005 foi agraciado pela rainha Isabel II com a condecoração O.B.E.



As suas composições abrangem quase todos os géneros musicais, desde a música para solistas à música orquestral, da música de câmara à música coral, para além de inúmeras orquestrações e arranjos.

Três Bagatelas

“Escrevi as *Três Bagatelas para Quinteto de Sopro* em Novembro de 1971 quando tinha 21 anos. É das obras mais antigas que considero já não ser de um “período de estudante”. A forma deve muito às *Três Peças Op. 11* de Webern que eu tocava na altura, enquanto a linguagem talvez deva mais ao Harrison Birtwistle, que era um dos ídolos na Inglaterra nesses anos.

São três miniaturas de uma duração tão curta que não permitem desenvolvimento. A primeira é a única que apresenta contrastes de material. A segunda é rápida mas dissolve rapidamente num gesto gasto de *ostinato*. O terceiro é tão lento que dificilmente se reconhecem as relações proporcionais entre notas.

Num instante acabou tudo.

As *Bagatelas* foram estreadas muito depois em 1984 em Brasília.”

Christopher Bochmann

FERNANDO LOPES-GRAÇA

Compositor e musicólogo português, nasceu a 17 de Dezembro de 1906 em Tomar. Estudou em Coimbra no Conservatório Nacional e apresentou-se pela primeira vez como compositor em 1929 com as *Variações sobre um Tema Popular Português* para piano e *Poemeto* para orquestra de cordas.

De 1932 a 1936 esteve em Coimbra onde colaborou com o grupo literário da Presença. Partiu no ano seguinte para Paris, onde frequentou a cadeira de Musicologia da Sorbonne. É nesta altura que se deu no seu estilo a viragem decisiva no sentido de uma orientação de timbre nacionalista, com o aproveitamento e a elaboração, na sua linguagem, dos elementos harmónicos, melódicos e rítmicos do folclore português.

Em 1939 regressou a Lisboa, exercendo uma intensa actividade como compositor, crítico, pianista, publicista, conferencista, organizador e regente de coros populares e no ano seguinte recebeu o prémio de Composição do Círculo da Cultura Musical, com o 1º Concerto para Piano e Orquestra, prémio que voltou a conquistar também em 1942, 1944 e 1952. Em 1942 fundou uma organização de concertos de música moderna intitulada "Sonata", criando em 1951 a revista "Gazeta Musical".

A sua orientação nacionalista reafirmou-se e amadureceu em obras como a *Suite Rústica* (para orquestra, sobre melodias tradicionais portuguesas), os *Cinco Velhos Romances Portugueses* (para pequena orquestra), as *Nove Canções Populares Portuguesas* (para voz e orquestra), os *Natais Portugueses* e *Melodias Rústicas Portuguesas* (para piano), além de numerosos ciclos de harmonizações de canções populares, para voz e piano e para coro a capella.

(texto disponível na Enciclopédia Luso-Brasileira)



Sete lembranças para Vieira da Silva

“São sete peças que o compositor dedica à pintora Vieira da Silva, não havendo indicação de algum quadro específico.

Cada uma das lembranças tem um estilo característico; com andamentos maioritariamente lentos e moderados, as sete pequenas peças têm todas em comum um ambiente nostálgico a que o título se refere. Efectivamente não se trata de uma elegia ou dedicatória mas sim de lembranças, como que a invocarem momentos passados, lembrados pelo compositor. De elevada complexidade estilística, as *Sete Lembranças*, são uma das mais interessantes do repertório português do séc. XX para Quinteto de Sopros.

Nas primeiras peças o uso de mudanças de andamento e principalmente o uso de *Accelerandos* e *ritenutos*, revelam como que uma memória muito romantizada, mais distante. A quarta lembrança é a mais *cantabile* de todas. Esta usa forma base clássica de melodia/accompanhamento, mas com uma distorção característica de Lopes Graça não só nas harmonias mas principalmente pelos ritmos e compassos utilizados. Na quinta lembrança o ambiente muda radicalmente sendo a lembrança mais angustiada e tempestuosa de todas. A sexta é no estilo das primeiras e a última acaba com uma alegre melodia, como se no fim de tudo as lembranças sejam de paz e esperança.”

David Costa

